

Editorial

Com este número fechamos o segundo ano de *Filósofos*. A experiência adquirida nos dois anos em que editamos este periódico, somada à que acumulamos desde 1990, quando éramos editores de *Ciências Humanas em Revista/Filosofia*, é muito rica. Temos crescido juntos, não só com a revista, mas com a própria Instituição.

E, nestes anos, vimos o país suportar as peripécias de governos envolvidos nos escândalos mais variados. Vimos o dinheiro do povo ser confiscado, a renda concentrar-se em grupos mais reduzidos e mais poderosos, os bancos privados aumentarem seus lucros, a saúde pública ser implodida pela força da irresponsabilidade pública. Vimos a educação ser tratada como assunto de somenos importância.

E presenciamos, atônitos, como um presidente governou com o exclusivo objetivo de alcançar sua reeleição, mesmo tendo que pagar deputados para comprar seus votos. Testemunhamos as mudanças no significado de 'governar', aprendemos que 'governar' significa, agora, destruir todas as conquistas sociais adquiridas em décadas de luta, sob o pretexto de acabar com privilégios — privilégios que não desapareceram para os 'servidores do povo' — e entregar o patrimônio público à ambição de particulares, sob o pretexto de globalizar a economia. Pela primeira vez, vimos a campanha eleitoral invadir o período

que cabia ao presidente governar. Vimos o presidente governar como nas épocas do AI-5: por meio de cifra recorde de medidas provisórias, sem contestação.

Por último, presenciamos, nestes meses, a queda do prestígio do presidente. O que não vimos, lamentavelmente, foi a constituição de uma alternativa política, a consolidação de uma força política que, esclarecida, possa esclarecer o país, possa orientar o país. Percebe-se que a oposição está mais desorientada, programaticamente, que a situação. Quem está no poder sabe o que deve fazer, e como deve fazer para impor o sistema econômico que é de seu exclusivo interesse.

É a oposição que, até agora, não conseguiu apresentar um projeto de país, um projeto de governo condizente com a situação e os interesses da maioria da população. É a oposição que não conseguiu convencer o país de que 'globalização' não é mais do que a consequência direta da ambição desmedida de seres que pouco se importam pelo destino do planeta e seus habitantes.

Pela maneira paquidérmica em que o governo faz as coisas, abre-se a possibilidade de o atual presidente não ser reeleito. A questão é se, com um novo presidente, a mudança se limitará ao nome de quem vista a faixa presidencial.

Depois da vitória dos socialistas na França escutei que "sopram ventos

de renovação que vêm da Europa”.

Será que, como sempre, esperamos que os projetos nacionais, que a

consciência nacional, dependam do que se faz e se pensa noutros continentes? Até quando!?

O editor